

Mais de 200 relatos sobre o que pessoas notáveis e desconhecidas experimentaram em seu leito de morte

O que eles DISSERAM

A UM PASSO DA ETERNIDADE

John Myers

O que
eles
DISSERAM
A UM PASSO DA ETERNIDADE

*Mais de 200 relatos sobre o que
pessoas notáveis e desconhecidas experimentaram
em seu leito de morte*

O que
eles
DISSERAM
A UM PASSO DA ETERNIDADE

*Mais de 200 relatos sobre o que
pessoas notáveis e desconhecidas experimentaram
em seu leito de morte*

John Myers

Voices from the Edge of Eternity
©Voice Publications, Northridge, California, USA
© 2019 Editora dos Clássicos
Publicado no Brasil com a devida autorização
e todos os direitos reservados por Publicações Pão Diário
em coedição com Editora dos Clássicos.

Tradução: Jesus Costa Ourives
Revisão: Rubens Castilho, Harold Walker, Márcio Nogueira
Revisão final: Renata Balarini Coelho, Paulo César de Oliveira, Dayse Fontoura e Dalila de Assis
Edição: Gerson Lima
Capa e projeto gráfico: Audrey Novac Ribeiro
Diagramação: Denise Duck

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

MYERS, John
O que eles disseram — A um passo da eternidade,
Tradução: Jesus Costa Ourives
Curitiba/PR, Publicações Pão Diário e São Paulo/SP, Editora dos Clássicos.

Título original: *Voices from the Edge of Eternity*

1. Fé; 2. Vida cristã; 3. Eternidade.

Proibida a reprodução total ou parcial, sem prévia autorização, por escrito, da editora.
Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610, de 19/02/1998.
Permissão para reprodução: permissao@paodiario.com

Exceto quando indicado o contrário, os trechos bíblicos mencionados são da edição Revista e Atualizada de João F. de Almeida © 2009 Sociedade Bíblica do Brasil.

Publicações Pão Diário
Caixa Postal 4190,
82501-970 Curitiba/PR, Brasil
publicacoes@paodiario.org
www.publicacoespaodiario.com.br
Telefone: (41) 3257-4028

Editora dos Clássicos
www.editoradosclassicos.com.br
contato@editoradosclassicos.com.br
Telefones: (19) 3217-7089
(19) 3389-1368

Código: F8147
ISBN: 978-1-68043-681-5

1.ª edição: 2019

Impresso no Brasil

Prefácio

A morte é um tema que, por sua seriedade, não deve ser tratado levemente. Beleza, honra, riqueza, poder terreno, esperanças e sonhos — todos são absorvidos por esse fim inexorável. O homem nasce com as mãos cerradas e morre com as mãos bem abertas. Ao entrar na vida, ele deseja se apoderar de todas as coisas; ao deixar o mundo, tudo o que ele possui se esvai.

Todavia, não é a morte em si que intriga e amedronta a humanidade desde tempos imemoriais, e sim o mistério que paira do outro lado. Aparentemente, não há uma resposta esclarecedora sobre isso — *ou há?*

Há algumas décadas, fiquei maravilhado com certos vislumbres impressionantes da eternidade que li em narrações diversas de testemunhos dados nos momentos finais de vida de várias pessoas. Na ocasião, deparei-me com um livro antigo, publicado em 1898, que continha dezenas desses relatos. Fiquei admirado e profundamente abalado. Ali estavam exemplos representativos de pessoas de todas as condições sociais, jovens e velhos, santos e pecadores, que, pouco antes de deixarem esta vida, viram claramente algo além do túmulo. Seus testemunhos foram contundentes e lúcidos, cada um confirmado em seus fatos essenciais.

Naquele momento, convenci-me a reunir o material necessário para a edição deste livro. Embora tenha levado

quase 10 anos para concluí-lo, não foi um trabalho exaustivo, pois acredito que seja uma evidência convincente das reiteradas respostas dadas por Deus às indagações fatídicas de homens e mulheres a respeito da eternidade.

Este livro traz o relato de homens e mulheres, crentes e descrentes, próximos ao limiar da eternidade. Ante a mais dramática experiência da vida, eles vislumbraram com clareza a dimensão do além-túmulo. O que viram e experimentaram não só comprova a expectativa *factual* da imortalidade do homem, mas também responde a muitas questões pertinentes que trazem perplexidade às mentes inquietas de hoje, tais como a exatidão do relato bíblico sobre a vida após a morte, a verdade ou falácia da reencarnação etc.

Muito mais importante que uma simples coletânea de evidências científicas, a leitura deste livro trará, para muitos, o alvorecer do que os antigos profetas chamavam *esperança* — a gloriosa percepção de um alvo e destino que são as únicas coisas a desafiar o materialismo que ameaça mergulhar nossa geração na loucura de uma vida sem propósito.

É a esta palavra — *esperança* —, com todas as suas riquezas para o coração humano, que dedico estas páginas.

John Myers
Northridge, Califórnia

Introdução

Um livro como este é essencialmente composto por histórias e, como tal, dependente dos registros do passado. Com exceção dos testemunhos contemporâneos e alguns mais antigos recolhidos aqui e ali, sou devedor principalmente a três livros publicados no século 19. O primeiro, intitulado *Dying Hours* (Momentos da Morte), de D. P. Kidder, foi publicado em 1848 pela Carlton and Phillips nos Estados Unidos; o segundo, *Dying Words* (Palavras ao Morrer), de A. H. Gottschall, foi publicado na Inglaterra por volta de 1888; e o terceiro, *Dying Testimonies* (Testemunhos ao Morrer), de S. B. Shaw, foi publicado pelo autor em 1898 nos Estados Unidos. Foi a este último livro que me referi no prefácio como a inspiração original e a base para a compilação deste volume.

Em minha pesquisa para a escolha do material do texto, excluí mais do que mantive, especialmente os testemunhos encontrados nos livros citados. Além disso, em muitos casos, precisei condensar e adaptar o texto para apresentar a mensagem essencial a ser transmitida. Nesta edição, porém, empenhei-me em conservar não somente as últimas palavras originais, de modo algum manipulando seu sentido e forma, como também as expressões coloquiais correntes naquela época da história e a posição doutrinária dos personagens mencionados.

Com vistas a edições futuras, seremos gratos em receber outros testemunhos ou quaisquer informações que possam ser acrescentados ao material já incluído.

*Onde está, ó morte,
a tua vitória?
Onde está, ó morte,
o teu aguilhão?*

Apóstolo Paulo

Índice de Personagens

A

Abd-Er-Rahman III _____	106
Allen, Ethan _____	47
Alling, Asa Hart _____	491
Andronicus, mártir _____	236
Appleby, David _____	32
Asbury, Addie _____	252
Askew, Anne _____	179
Augustas, Edward, Duque de Kent _____	194

B

Bacon, Francis _____	192
Bacon, Lord _____	193
Barne, May _____	381
Billie Kay _____	395
Blackman, Beulah _____	288
Bledsoe, Ella _____	436
Bolena, Anna _____	50
Booth, Catherine _____	55
Bórgia, Cardeal César _____	430
Brainerd, David _____	376
Brewster, Sir David _____	97

Brooks, John _____	102
Brown, Clement _____	90
Bunson, Byron _____	66
Butler, Bispo _____	81
Buterfield, Gertrude Belle _____	307

C

Calconis _____	82
Caldwell, Merrit _____	385
Calvino, João _____	154
Camm, Anne _____	86
Campbell, Archibald _____	70
Campbell, Isabella _____	74
Carey, William, missionário _____	500
Carlos IX, Rei da França _____	56
Carmen, Carrie _____	103
Carpenter, Helen _____	420
Case, Hiram, Rev _____	405
Chatham, Minnie _____	312
Clark, Filura _____	412
Cliff, Albert E. _____	357
Cromwell, Oliver _____	185
Cutler, Ann, obreira de John Wesley _____	195

D

D'Alleray, Logrant _____	445
Darrow, Clarence _____	274
Dryer, George Edward _____	222

Duncan, Joseph _____ 321

E

Edison, Thomas A. _____ 79

Elizabeth I, rainha da Inglaterra _____ 167

Estêvão, o primeiro mártir _____ 306

F

Filipe III, Rei da França _____ 233

Foster, William _____ 295

G

Gandhi _____ 504

Gibbon, Edward _____ 407

Gilkey, Ella _____ 129

Gilkey, Nannie Belle _____ 432

Glossbrenner, Bispo _____ 340

Godkin _____ 474

Grimshaw, William _____ 65

Groves, Anthony _____ 69

H

Hamilton, filho do Duque de _____ 123

Hamilton, Patrick _____ 486

Hanby, Bispo _____ 181

Hauks, Thomas _____ 114

Havergal, Frances Ridley _____	298
Henry, Matthew _____	169
Herrick, Eleanor _____	469
Hilty, Will _____	98
Homel, M. _____	202
Hume, David _____	76
Hunt, John _____	71
Hus, João _____	243

I

Inskip, John S. _____	227
-----------------------	-----

J

Jane Grey, Lady _____	58
Jane, Rainha de Navarra _____	434
Jenks, Philip, J. _____	221
Jennie _____	352
Jerônimo, o mártir _____	316
Jessie _____	225
Jesus Cristo _____	506
Jones, Dr. Rufus _____	424
Judson, Adoniram _____	134

K

Kendall, William, Rev. _____	347
Kirtland, Susan C. _____	409
Kloppstock, Margaretta _____	378

Knight, Ann _____	138
Knox, John _____	150

L

Latimer, Hugh _____	342
Lee, Capitão John _____	156
Lee, Lillian _____	75
Leonard, Willie _____	43
Lindsay, Maggie _____	161
Luis IX, Rei da França _____	166
Lull, Raymond _____	168
Lutero, Martinho _____	328

M

Mason, Sir John _____	477
Mazarim, Cardeal Julius _____	416
Me _____	186
Melanchthon, Philip _____	189
Michelangelo _____	80
Moody, Dwight L. _____	38
More, Hannah _____	171

N

Naglie _____	479
Napoleão _____	52
Nelson, David _____	190
Newport, Sir Francis _____	471

Nishizawa _____ 59

O

Otterbein, William _____ 177

Oxtoby, John _____ 203

P

Paine, Thomas _____ 255

Pedro, mártir _____ 375

Peggy, Auld _____ 291

Penn, Springett _____ 287

Pierce, Pr. Samuel _____ 240

Pitt, William _____ 245

Pope, William _____ 282

Probus _____ 246

R

Raine, Jonathan _____ 249

Raleigh, Sir Walter _____ 153

Randolph, John _____ 254

Randon, John _____ 264

Ritchie Jr. Dr. George _____ 17

Roll, William G. _____ 187

Romanus _____ 121

Rose, Jewel e Florence _____ 483

Rubeti, Sophia _____ 426

Ruopp, Julia Philips _____ 455

S

Salmasius, Clandious _____	229
Savonarola, Girolamo _____	301
Schaeffer, Orphie B. _____	334
Scott, Sir Thomas _____	294
Seeley, Catherine _____	297
Sherrill, John L. _____	363
Shoemaker, Isaac _____	310
Sidney, Sir Philip _____	126
Smith, Sir Thomas _____	302
Spira, Francis _____	272
Stenburg, pintor _____	464

T

Talleyrand, Charles M. _____	267
Talmadge, T. DeWitt _____	358
Taylor, Maria _____	370
Tolleman, Giles _____	344
Toplady, Augustus M. _____	87
Torres, Sylvia Marie _____	360

V

Vara, chefe, Um guerreiro _____	336
Voltaire _____	36

W

Wakeley, Dr. _____	260
--------------------	-----

Walsh, Thomas _____	215
Wesley, John _____	494
Whitford, William H. _____	448
Wilcox, May _____	461
Willard, Frances E. _____	237
Wilmot, John _____	330
Wilson, Margaret _____	315
Wingate, Dr. _____	325
Wolsey, Cardeal _____	265

Z

Zinzendorf, Conde _____	387
-------------------------	-----

1.

VOLTA DO AMANHÃ

Será possível ter um vislumbre da outra vida?

O Dr. George C. Ritchie Jr. — um médico de Richmond, Virginia — responde a essa pergunta com um relato minucioso de sua extraordinária “volta do amanhã”.

Quando fui enviado ao hospital de base em Camp Berkeley, Texas, no começo de dezembro de 1943, não tinha noção de que estava muito doente. Eu tinha acabado de completar o treinamento básico e meu único pensamento era pegar o trem para Richmond, Virginia, a fim de ingressar na escola de medicina, como parte do programa de treinamento do Exército para médicos. Era uma oportunidade sem precedente

para um soldado raso, e eu não permitiria que um resfriado qualquer me impedisse de aproveitá-la.

Mas os dias passavam, e eu não melhorava. Só em 19 de dezembro fui removido para uma ala de recuperação, e lá um jipe deveria me apanhar às quatro horas da madrugada seguinte para me levar até a estação de trem.

“Mais algumas horas e estarei lá!” Perto das nove da noite, tive febre. Pedi ao rapaz da enfermaria que me desse uma aspirina.

Mesmo com a aspirina, minha cabeça latejava, e eu tossia no travesseiro para abafar o barulho. Às três horas, decidi levantar-me e me vestir.

A meia hora seguinte é como um borrão para mim. Lembro-me de estar tão fraco a ponto de não conseguir terminar de me vestir. Também me lembro de uma enfermeira entrando no quarto, depois um médico e uma corrida de ambulância com sirene soando até o prédio onde eram realizados exames radiográficos. O capitão perguntou-me se eu conseguiria ficar de pé para fazer uma radiografia. Eu me esforcei para permanecer de pé. O ruído da máquina de raios X é a última coisa de que me lembro.

Quando abri os olhos, estava deitado num quartinho que nunca tinha visto antes. Uma *luzinha* bem fraca brilhava num abajur perto de mim. Por algum tempo, fiquei ali, tentando lembrar onde estava. De repente, sentei-me na cama. O trem! Eu ia perder o trem!

Agora, sei que o que vou descrever vai parecer inacreditável. Eu também não entendo, tanto quanto você. A única coisa que tenho a fazer é relatar os acontecimentos daquela noite exatamente como eles ocorreram. Pulei da cama e procurei

meu uniforme. Então, parei espantado. Alguém estava deitado naquela cama de onde eu me levantara.

Cheguei mais perto, para ver melhor, porque a luz era fraca, e recuei. Ele estava morto. A pele acinzentada e o queixo caído eram horríveis. Então vi o anel. Na mão esquerda, estava o mesmo anel da fraternidade *Phi Gamma Delta* que eu usava havia 2 anos.

Corri para o corredor para fugir do mistério daquele quartinho. Richmond era a prioridade — tinha de chegar lá. Segui pelo corredor em direção à porta de saída.

—Cuidado! — gritei para um ordenança que vinha em minha direção.

Ele pareceu não ouvir e, logo em seguida, passou exatamente onde eu estava como se eu não estivesse ali.

Era muito esquisito aquilo. Cheguei até a porta e saí para o escuro lá fora, correndo em direção a Richmond. Correndo? Voando? Eu só sei que a terra escura estava passando por mim, enquanto outros pensamentos, terríveis e inenarráveis, ocupavam minha mente. O ordenança não havia me visto. E se o pessoal lá na escola de medicina também não pudesse me ver?

Numa tremenda confusão, parei num poste telefônico, numa cidade ao lado de um grande rio, e apoiei a mão no cabo de sustentação do poste. O cabo parecia estar lá, mas a minha mão não estabelecia contato com ele. Uma coisa estava clara: de alguma maneira desconhecida, eu tinha perdido a firmeza do corpo — a mão que não podia pegar o cabo, o corpo que os outros não viam...

Eu estava começando a entender que aquele corpo naquela cama era o meu, inexplicavelmente separado de mim, e que o mais urgente agora era voltar e me juntar a ele.

Encontrar a base e o hospital não era problema. Na verdade, pareceu-me estar lá de volta logo após ter pensado nisso. Mas onde era aquele quartinho do qual eu saíra? Assim começou o que deve ter sido uma das mais estranhas atividades: a busca de mim mesmo.

Passando pelas enfermarias, uma após outra, cheias de soldados dormindo, todos quase da minha idade, eu pensei que nós não estávamos acostumados com o próprio rosto. Muitas vezes, cheguei a parar perto de uma pessoa que dormia (que era a maneira como eu me imaginava), mas, ao olhar para a mão esquerda da pessoa, não via o anel *Phi Gamma Delta*; então, eu prosseguia.

Finalmente, entrei num quartinho com uma luz muito fraca. Um lençol estava estendido sobre o indivíduo que ali estava, mas os braços estavam descobertos. Na mão esquerda, o anel.

Tentei afastar o lençol, mas não consegui pegá-lo. E, agora que eu havia me encontrado, como seria possível juntar duas pessoas que estavam tão completamente separadas? E lá, diante desse problema, pensei rapidamente: *Isso é a morte. Isso é aquilo que os seres humanos chamam de 'morte', essa divisão de uma pessoa.* Pela primeira vez, liguei a ideia da morte com aquilo que me acontecera.

Naquele momento de desespero, o quartinho começou a encher-se de luz (eu digo “luz”, mas não há palavras em nossa língua para descrever um brilho daquela intensidade). Entretanto, preciso encontrar palavras, porque, por mais

incompreensível que fosse para a minha mente aquela experiência, ela afetou cada momento da minha vida a partir de então.

A luz que entrou naquele quarto era Cristo: eu sei disso porque um pensamento foi colocado profundamente dentro de mim: “Você está na presença do Filho de Deus”.

Chamei-o de “luz”, mas poderia também ter dito “amor”, porque aquele quarto ficou inundado, penetrado, iluminado pela *maior e mais completa compaixão* que eu jamais sentira. Era uma Presença tão confortante, tão alegre, tão completa, que eu desejei entregar-me para sempre àquela maravilha.

Mas havia mais alguma coisa naquele quarto. Junto com a presença de Cristo (simultaneamente, embora eu tenha de descrever uma coisa de cada vez), também entrou cada evento de toda a minha vida. Lá estavam eles: cada pensamento, cada fato, cada conversa, tão palpáveis como se fossem uma série de quadros. Não havia nem primeiro nem último — cada um deles era contemporâneo, cada um respondia a uma única pergunta: “O que é que você fez com o seu tempo na Terra?”.

Olhei preocupado para as cenas diante de mim: a escola, o lar, o grupo de escoteiros, os amigos de passeios pelo mato — à luz daquela Presença, a típica infância bem vivida mais parecia uma existência trivial e irrelevante.

Procurei nas minhas lembranças algumas boas ações.

—Você falou para alguém a meu respeito? — veio a pergunta.

—Não tive muito tempo para isso — respondi. — Eu estava planejando, mas então aconteceu isso. Eu sou muito jovem para morrer!

“Ninguém é muito jovem para morrer” era uma reflexão inexprimivelmente gentil.

Uma nova onda de luz espalhou-se por aquele quarto que já estava brilhantemente iluminado de maneira incrível; de repente, estávamos em outro mundo. Ou melhor, o que eu percebi subitamente é que tudo ao nosso redor era um mundo diferente, mas ocupando o mesmo espaço. Eu estava seguindo a Cristo por ruas e paisagens comuns e, por toda parte, via essa outra existência estranhamente superposta ao nosso mundo familiar.

Estava repleta de pessoas — pessoas com o semblante mais triste que eu já vira. Cada tristeza parecia diferente. Vi executivos andando nos corredores dos locais onde eles haviam trabalhado numa tentativa inútil de conseguir que alguém os ouvisse. Vi uma mãe andando atrás de um homem de 60 anos — seu filho — dando-lhe conselhos e instruções. Ele parecia não ouvir nada. De repente, lembrei-me de mim mesmo naquela mesma noite, totalmente preocupado em chegar a Richmond. Será que o mesmo acontecia com essas pessoas? Todas tinham o coração e a mente concentrado nas coisas terrenas, e agora, tendo perdido a Terra, permaneciam desesperadamente fixadas no que não tinham mais. Será que isso é o inferno: estar mais preocupado quando se é totalmente inútil? Isso é o inferno sim!

Foi-me permitido olhar para outros dois mundos naquela noite — não posso dizer “mundos espirituais” porque eles eram muito reais, muito sólidos. Ambos foram apresentados da mesma maneira; uma nova qualidade de luz, uma nova abertura da visão, e, de súbito, era claro que eles estavam lá o tempo todo. O segundo mundo, como o primeiro, ocupava a superfície real da Terra, mas era um reino completamente diferente. Nele não havia envolvimento com coisas terrenas,

mas — na falta de uma palavra melhor para resumi-lo — com a verdade.

Vi escultores e filósofos. Compositores e inventores. Havia universidades e grandes bibliotecas e laboratórios de ciência que ultrapassam até as mais ousadas criações da ficção científica.

Tive somente um vislumbre do último mundo. Agora parecíamos não estar mais na Terra, mas muito, muito longe, fora de qualquer contato com o nosso planeta. A uma grande distância, vi uma cidade toda construída de luz — se isso pode ser compreensível. Eu ainda não tinha lido o livro de Apocalipse nem, incidentalmente, qualquer coisa que se relacionasse com o assunto da vida após a morte. Mas aqui havia uma cidade cujos muros, casas e ruas pareciam irradiar luz, enquanto os que se moviam entre elas eram seres tão deslumbrantemente brilhantes como Aquele que estava ao meu lado. Foi uma visão que durou apenas um instante, porque em seguida as paredes do quatinho fecharam-se ao meu redor, a luz deslumbrante apagou-se e um sono estranho tomou conta de mim...

Até hoje não consigo entender por que fui escolhido para voltar à vida. Tudo o que sei é que, quando acordei na cama do hospital naquele quatinho, naquele mundo familiar onde eu passara toda a minha vida, não era como uma volta ao lar. O clamor do meu coração, desde aquele momento, tem sido o clamor de toda a minha vida: “Cristo, mostra-te de novo a mim!”.

Passaram-se algumas semanas até que eu pudesse sair do hospital e, durante aquele tempo, um pensamento tornou-se uma obsessão para mim: ver o que estava registrado no meu prontuário médico. Finalmente, eu consegui. Lá estava em

rabiscos típicos de médico: *Soldado George Ritchie, morto em 20 de dezembro de 1943, pneumonia dupla lobular.*

Mais tarde, falei com o médico que assinou o atestado. Ele me disse que não tinha dúvida alguma de que eu estava morto quando me examinou, mas, nove minutos depois, o soldado que havia recebido ordens de me preparar para o necrotério chegou correndo até ele, pedindo-lhe para me dar uma injeção de adrenalina. O médico aplicou-a diretamente no músculo do meu coração, mesmo não acreditando no que os seus olhos viam. Meu retorno à vida, contou-me ele, sem nenhum dano cerebral ou qualquer sequela, foi a circunstância mais desconcertante de sua carreira.

Hoje, passados mais de 20 anos, sinto que sei por que tive a oportunidade de voltar a esta vida. Foi para me tornar um médico, para aprender mais a respeito do homem e então servir a Deus. Toda vez que tenho oportunidade de servir a Deus ajudando um adulto de coração partido, tratando de uma criança doente ou aconselhando um adolescente, bem lá no fundo tenho a sensação de que Ele está ao meu lado novamente.

Dr. George C. Ritchie Jr.

Será possível ter um vislumbre da outra vida?

A morte é um tema que, embora na maioria das vezes seja assustador, está constantemente presente na jornada do ser humano nesta Terra, já que todos passarão por ela, independentemente de raça, sexo, credo, condição social ou econômica. Por essa razão, esse tema não deve ser tratado de maneira leviana.

Este livro, que levou quase dez anos para ser concluído, traz mais de duzentos relatos de homens e mulheres próximos ao limiar da eternidade. Ante a mais dramática experiência da vida, eles vislumbraram com clareza a dimensão do além-túmulo. O que viram e experimentaram não só comprova a expectativa *factual* da imortalidade do homem, mas também responde a muitas questões pertinentes que trazem perplexidade às mentes inquietas de hoje.

Muito mais importante que uma simples coletânea de evidências científicas, a leitura deste livro trará, para muitos, o alvorecer do que os antigos profetas chamavam *esperança* — a gloriosa percepção de um alvo e destino que são as únicas coisas a desafiar o materialismo que ameaça mergulhar nossa geração na loucura de uma vida sem propósito.



Publicações
Pão Diário



clássicos

editoradoclassicos.com.br

F8147

ISBN 978-1-68043-681-5



9 781680 436815